

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Álvaro Ribeiro Pereira**

registada em 2008-09-26  
por

Hugo Pereira e Cláudia Simões



## Álvaro Ribeiro Pereira

Álvaro Ribeiro Pereira nasceu em Lisboa, há 72 anos atrás. O pai era José Romão Ribeiro Pereira e a mãe Maria Gracinda da Conceição Pereira. A mãe amanhava a terra e juntava a criação, os ovos das galinhas e ia vender à Covilhã. Frequentou a Escola Náutica. Depois, tirou o curso do Instituto Industrial, um curso de Engenharia e um de Pedagógicas. “Até perto dos 50 anos, foi sempre a trabalhar e a estudar.” Tirou o curso de Filosofia e de Mineralogia e em 1973-1974 o curso do Técnico. Depois de tirar o curso da Escola Náutica, embarcou nos petroleiros, durante um ano. Fez a admissão ao Instituto Industrial. Acabou por tirar o curso de engenheiro técnico e empregou-se. Quando tirou o curso do Técnico, já estava empregado na EDP. Esteve na central do Barreiro, durante oito anos, no Carregado e em Lisboa. Esteve lá alguns sete anos, como director-geral na área da formação para as pescas. Mais tarde, esteve dois anos na Siderurgia Nacional, como administrador, e à volta de oito anos, também como administrador, na Companhia do Papel do Prado em Tomar. Depois, reformou-se.

# Índice

Identificação Álvaro Ribeiro Pereira.....	4
Ascendência José Romão Pereira e Maria Gracinda Pereira.....	4
Migração "Havia ali o espírito de entreatajuda".....	5
Percurso profissional "Emocionou-se e arranjou-lhe trabalho".....	6
Infância "Gostava desta vida do campo".....	6
Casa "As casas eram geladíssimas".....	8
Educação "Que os filhos saibam mais".....	9
Ofício "Trabalhei em todas as áreas".....	10
Casamento Casado, dois filhos, seis netos.....	11
Costumes "Ainda me recordo".....	11
Religião "Deus cai aqui".....	13
Lugar "Enamorei-me disto".....	14
Avaliação "Para a memória futura".....	19

## **Identificação *Álvaro Ribeiro Pereira***

Chamo-me Álvaro Ribeiro Pereira. Tenho 71 anos. Vou fazer 72 em Dezembro. Nasci em Lisboa.

## **Ascendência *José Romão Pereira e Maria Gracinda Pereira***

O meu pai era José Romão Ribeiro Pereira e a minha mãe Maria Gracinda da Conceição Pereira. São oriundos dos Barreiros e de Chãs d'Égua. Ela pertencia a uma família com muitos filhos, como era hábito na altura. Alguns até muito alongados na idade. Eu tenho uma tia que, não digo que tem a minha idade, mas a diferença não é muita. As famílias eram muito grandes. Nós somos quatro irmãos.

Não sei como é que foi o namoro do meu pai e da minha mãe. Lá se conheceram, lá se namoraram, lá se casaram. Eu não tenho vivência da sua permanência em Chãs d'Égua, porque quando nasci, já eles estavam em Lisboa, mas, aqui, a minha mãe amanhava a terra e juntava a criação, os ovos das galinhas e ia vender à Covilhã. Tinham aqui muitas terras. Entretanto adquiriram e depois venderam tudo. Nunca me lembro de o meu pai trabalhar a terra. Sei que esteve aqui até ir para a tropa. Fez a guerra de 1914-1918 em Moçambique. Nunca chegou a combater propriamente, porque as nossas ex-colónias - pelo menos Moçambique - não entraram em confronto, nem directo nem indirecto. Saiu daqui sem saber ler nem escrever. Aprendeu na tropa. Regressou e depois arranjou emprego.

A minha mãe, era muito amiga de me contar as histórias daqui. Ela gostava que eu readquirisse aquilo que eles entretanto venderam. Eles mudaram a residência para Lisboa. Os filhos não queriam vir para cá, desfizeram-se de tudo. Mas eu gostava de cá e a minha mãe incentivava-me:

- "Eu vendi aquilo. Tu vê lá..."

O meu pai, nem por isso. Não tinha assim grande querer ou, se calhar, não queria influenciar:

- "Olha... faz como achares melhor."

Mas já comprei algumas terras que eram deles.

## **Migração "*Havia ali o espírito de entreajuda*"**

Até ao terceiro filho, ficaram aqui. Depois, o meu pai, como já tinha outros horizontes e outras ideias, ficou por Lisboa. Ele era uma pessoa muito vivida e desenrascada. Era um homem, já para a época, com horizontes bastante grandes. Deve ter sido das primeiras pessoas a emigrar daqui da zona de Chãs d'Égua e a procurar sustento em Lisboa. Se não foi o primeiro, anda muito próximo disso. Antigamente, o marido emigrava e a mulher ficava aqui a tratar dos filhos e da terra.

Por casa dos meus pais - que não era uma casa grande - passaram os meus tios e primos e aquela gente toda. Quando iam daqui para Lisboa, ali era o primeiro poiso, enquanto não estabilizavam. O meu pai era uma pessoa muito querida. Era o ponto de ancoragem das pessoas que iam daqui. Primeiro mês, dois meses, três meses, estavam lá em minha casa. Era o primeiro assento até arranjam a sua vidazita. Havia realmente ali o espírito de entreajuda. Depois, lá iam para os seus sítios.

Eles eram aquilo que a gente chama trabalhadores indiferenciados. Não tinham especialidade nenhuma. Ou iam para a estiva ou para os estaleiros ajudar a limpar os cascos dos navios ou dar serventia a pedreiro. Pedreiro, aqui da terra, não. Foram mais para a zona da construção naval. Houve uma altura em que, praticamente, toda esta gente daqui estava na Lisnave, Setenave e isso tudo. O meu pai, a dada altura, era da CUF, na Rocha do Conde de Óbidos. Depois, pedia ao encarregado, o outro pedia ao outro, o outro pedia ao outro. Levavam daqui uns chouriços e uns presuntos, aquelas coisas para ajudar a lubrificar a máquina. Um garrafãozito de azeite, uma garrafita de aguardente, um frasquito de mel lubrificava aquilo. As pessoas podem não contar isto, mas é a realidade. Era o conhecimento. Iam agregando as pessoas. As próprias comunidades que nós temos aí - chineses, africanos, angolanos, são-tomenses, guineenses - são assim. Há ali um chamamento, uma protecção.

Concentravam-se nas Janelas Verdes, em Alcântara. Em frente ao Museu Nacional de Arte Antiga, na zona da Rua do Olival. Havia casas em que se alugava só a dormida. Disso, recordo-me. Tenho uma memória presentíssima. Era uma casa comprida, uma água-furtada em que as camas eram juntas umas às outras no chão. Era um sobrado no chão e as camas estavam juntas umas às outras. As pessoas tinham umas casas grandes, pareciam quartéis. Até o vão da escada servia para alojar uma pessoa. Trabalhavam ali na Rocha do Conde de Óbidos, na Nacional de Navegação, que era uma empresa que havia na altura, na Companhia Colonial ou na Sociedade Geral. Quando os estaleiros mudaram

para a Margueira, toda aquela gente foi para lá. Naquela zona envolvente, para o lado do Alto do Moinho, todos têm ali a sua casa com o seu quintalzinho, o seu terreno. Já não cultivam aqui, mas cultivam lá. Os hábitos ancestrais são mais fortes do que eles. Não conheço muitos ou quase nenhuns que se ficassem por viver no cimento armado. É uma vivendazita com o seu quintal ou o seu terreno onde tratam das suas coisas.

## **Percurso profissional "*Emocionou-se e arranjou-lhe trabalho*"**

Lembro-me de o meu pai trabalhar em Lisboa como operário. A memória aí, enfim... Tenho algumas ideias, mas não me recordo. A única coisa de que tenho memória é de uma greve que houve. A própria Carris fez greve e, na altura, os estaleiros também. Recordo-me que aquele pessoal das docas, tudo fez greve. Ele também foi lá no molho dos grevistas. Como compensação disso, passado um dia ou dois, veio a polícia e levou-o. Esteve 15 dias numa prisão. Metiam aquilo tudo nas cavalariças e nas cocheiras. Ficou a minha mãe a sustentar os filhos todos. A gente sem saber dele. Depois, voltou a reingressar na CUF, por causa da minha mãe. Ela contava, às vezes, essa história. O meu pai não gostava muito. Havia um senhor, que passava ali na rua onde nós morávamos. Era o Dr. não sei quê. Uma pessoa calma e tal. Na altura, não havia carros, não havia nada. Era nos eléctricos ou a pé. Ela foi ter com ele, comigo ao colo, e pediu-lhe. A pessoa emocionou-se e arranjou-lhe trabalho. Era a altura do regime antigo. Quem fazia greve, era vermelho. O meu pai era um bocado vermelho, era sim, senhor. Eu não sou. Não sou anticomunista, mas também não sou comunista. Ele e a minha irmã eram. Mas lá o Alfredo da Silva dizia:

- "Não, eu não quero cá sapateiros nas minhas máquinas! Eu quero cá operários bons!"

Então, acho que ainda teve algumas pegadas com o poder político para readmitir aqueles que a polícia política tinha dito:

- "Este é vermelho. Não tem trabalho."

Era uma discriminação.

## **Infância "*Gostava desta vida do campo*"**

Quando eu era criança, todos os anos vinha cá. Eu adorava isto. Sempre gostei. Os meus irmãos nem tanto. Vinha passar as férias. Esta mocidade actual não consegue ter noção daquilo que era a vida naquela altura. Nem nesta aldeia. É preciso ver que nós saíamos de Lisboa, do Rossio, às 11 da noite no comboio.

Isto, já eu era pequenito, devia ter os meus 6, 7 anos. Talvez menos, talvez 5. Chegava a Coimbra às sete, nove da manhã. Ao meio-dia apanhava a camioneta. Chegava a Vide às 11 da noite e depois vínhamos a pé da Vide para aqui. Eram quatro horas a pé. Era uma verdadeira aventura vir de Lisboa. Mas todos os anos cá vinham. Ainda hoje se vê que há aqui um apego à terra muito grande.

As crianças de Lisboa eram muito diferentes das daqui. Olhando para trás, penso que sim. Lá, a brincadeira era andar a jogar à bola, saltar ao eixo, fazer aqueles jogos da pistola e da malha, jogar à barra... Aqui não. Aqui, era andar aos pardais, andar aos ninhos, ir tomar banho aí para o ribeiro - a água era gelada, mas a pessoa não tinha frio -, andar a partir as canecas aos resineiros, dar uma "palmada" a um queijito ou a um chouriço para fazer um petiscozito... Eram coisas do meio rural. Lá, dá-me impressão que eram brincadeiras do meio citadino.

Os meus avós ainda eram vivos. Da parte do meu pai, da minha avó, não me lembro de rigorosamente nada. Do meu avô, tenho uma ideia muito vaga. Acho que ele cegou ou ficou quase cego. Tenho uma ideia de o ver sentado num banco. Uma coisa muito difusa. Agora, dos meus avós da parte da minha mãe, lembro-me perfeitamente. De eles andarem aí a cavar as terras, de terem os animais. Tinham cabras, tinham ovelhas, tinham galinhas, tinham essa criação. Os porcos maiores eram deles. Tinham sempre dois porcos. Faziam a matança. Era o normal aqui. Agora, na povoação, já não há ninguém com cabras. Ali no Piódão, há uma ou outra pessoa que ainda tem. Mas aqui, já há muitos anos deixaram de ter esses animais domésticos. Sobretudo as cabras, porque criação, penso que ainda há pessoas que têm. Galinhas, sobretudo galinhas.

Era uma família muito grande, com muitos filhos e muitos netos. A minha família era enormíssima. Dá-me impressão que, aqui, nesta povoação, indo bem à raiz, não há aqui pessoa que não seja meu primo. Havia um casal aqui perto que tinha muitos filhos. O pai não conseguia ganhar para todos. Então, o meu avô tomou à conta dele um dos netos. E eu gostava muito dele. A gente chamava-o o Zé Curto. Já faleceu. Ele ia pastar o rebanho, ia regar, ia guardar as cabras e eu andava sempre com ele, porque gostava realmente desta vida do campo.

Era difícil não se gostar do meu avô. Era um homem do campo, mas um bocado bonacheirão. Era muito estimado aqui na terra. Só oiço dizer bem dele. Então, os netos adoravam-no. Eu, pelo menos, adorava o chamado Avô do Canto. Chamava-se assim, porque a casa dele era no canto da povoação. Ele esteve no Brasil e, por conseguinte, tinha já um certo estatuto social aqui neste meio. Era um homem, para a época, muito evoluído, com uma memória, uns horizontes e uma experiência de vida muito grandes. Os outros eram tipo rurais. Pessoas que viviam neste meio. Como eles diziam, e conta aí muito:

- "O mundo é muito grande. Para lá de Pomares ainda há casas".

Recordo-me que uma vez, uma prima minha foi a Lisboa, chegou ao Terreiro do Paço, olhou para aquilo e disse:

- "Eia, pá! Que poça tão grande!"

Isto não é pejorativo. É a ideia que uma pessoa tem da sociedade e daquilo com que vive. Isso é que é o seu horizonte.

Da minha avó, não tenho assim ideia. Era uma pessoa baixota e muito calada, muito introvertida, ao contrário do meu avô. Lembro-me dela mas não tenho assim grandes recordações. Lembro-me também de ela falecer. Não fui ao funeral. A minha mãe veio, mas eu não vim.

Na altura, gostava muito de vir para aqui. Nem me sentia isolado, até porque gostava de participar. Eu ajudava em todas as tarefas deles. Na altura era miúdo e vinha de Lisboa. Como eles diziam, era "o de Lisboa":

- "É o de Lisboa, não sabe nada disto, nem é capaz de fazer."

Mas gostava de ir. Gostava de ir aos currais. Tinha aí um podãozito pequeninito que o meu avô me arranjou. Lá ia eu também. Eles iam até ao alto da serra. Era quase uma hora a pé. Depois, vinham com um molho de mato e de silvas às costas. Não me metiam nisso. Para aquilo, não tinha realmente estrutura.

Gostava de vir para aqui. Em Lisboa, não vivia com o conforto que se tem hoje. Era tudo muito limitado. A vida não era fácil na altura. A única coisa que não tinha cá eram os carros eléctricos. De resto, tinha tudo. Água, a minha avó dizia-me:

- "Olha, vai ao ribeiro de baixo ou vai à mina buscar água."

E eu lá ia com a cantarita. Gostava. Eram daquelas coisas que gostava de fazer. Ia e trazia a cântara cheia de água. Quando iam fazer a "descamisada", à noite, aí nos palheiros, eu também ia. Gostava de ver isso. É claro que adormecia. Recordo-me que, uma vez, fizeram uma e eu adormeci. Tiveram que me trazer ao colo, às cavalitas, não sei. Sei que fui para lá a pé e para cá não sei como é que vim.

## **Casa "*As casas eram geladíssimas*"**

A casa dos meus avós tinha dois andares. O meu pai também fez aqui uma casa. Era mais ou menos a mesma semelhança. Tinha a lareira e a cozinha, que era a casa de jantar. Como tinham a lareira praticamente acesa quase todo o dia, menos no Verão, as paredes já não era madeira. Era preta do fumo. Tinha dois quartos, mas sem janela. Dois quartos interiores. É a ideia que eu tenho da casa do meu avô. Na cozinha, por cima, é o caniço onde eles punham as castanhas a pilar. Tinha um outro pau atravessado onde penduravam as chouriças para fazerem o fumeiro sobre a lareira. Tinha uma corrente com um gancho, onde punham uma

panela com água com os restos da comida, para fazer o comer para o porco. A lavagem dos pratos ia toda para ali. Depois, juntavam mais qualquer coisa. Fazia parte da ração do porco. À volta, tinha um género de um banco e as pessoas sentavam-se. Isto era muito frio. As casas eram geladíssimas. Faziam o lume e tinham que arranjar o aconchego naquela situação mais branda. Recordo-me de a minha avó ter a cantareira à entrada. A gente subia a escada para o andar de cima e logo na entrada tinha um cântaro enormíssimo. Parecia uma garrafeira. A gente inclinava o cântaro e tirava a água para beber e para tudo. As pessoas, para fazer as necessidades, tinham lá um buraco numa poça. Como tomavam banho, não me recordo. Não tenho ideia nenhuma. Sei que eu ia tomar lá à poça. Agora, aqui, não faço ideia de como era. Os hábitos de higiene também eram um bocadinho mais limitados.

## Educação "*Que os filhos saibam mais*"

Penso que, outras terras do interior não puxam para que os filhos aprendam. Esta gente aqui não. É exactamente o contrário. A gente aqui não sabe, mas quer que os filhos saibam mais do que eles, o que não é um comportamento muito vulgarizado. Não era normal, nessa altura, pôr os filhos a estudar e o meu pai sempre fez isso. Fez um sacrifício muito grande para que os filhos estudassem. Pelo menos, tirassem um curso profissional. O curso industrial e o curso comercial eram quase um mestrado. Era-se quase um doutor. Ele era uma pessoa que, não obstante ter nascido aqui num meio muito reduzido, já tinha uns horizontes, um querer e um saber daquilo que queria dar como enxada aos filhos. Sem dúvida.

A minha mãe queria era que nós trabalhássemos, para ganhar para casa. Ela, coitada, tinha as finanças e lá sabia onde é que lhe doía. Naquela altura, trabalhava tudo ali para o molho. Depois do molho é que recebiam algum. Não era como agora. Agora, empregam-se, recebem o ordenado todo e os pais ainda têm que dar um *pocket money*, uns dinheirozitos por fora. A minha mãe era muito prática, mas o meu pai não deixou nenhum filho - e, às vezes, eles queriam - com menos da escola industrial e comercial, na época. Todos eles tiveram que tirar. Eu tirei o curso industrial. O meu pai obrigou-me a tirar. Depois, disse:

- "Não! Isto acabou! É isto que eu dou aos filhos!"

O meu irmão foi para a Escola Náutica. Tirou o curso de oficial de máquinas da marinha mercante. Eu também estive na Escola Náutica. Depois, tirei o curso do Instituto Industrial, um curso de Engenharia e um de Pedagógicas. Disse:

- Agora, basta! Agora, quero é viver para a família. Já não estudo mais.

Mas até perto dos 50 anos, foi sempre a trabalhar e a estudar. Tirei o curso de Filosofia e de Mineralogia e, não satisfeito com isto, tirei mais tarde em 1973-1974 o curso do Técnico.

Isto não aparece assim por acaso. Há uma ânsia grande, que vem de raiz. Uma ânsia grande de aprender, de ler e de fazer. É qualquer coisa de congénito. Eu trabalhei para chegar onde cheguei, mas nas pessoas daqui, vê-se realmente essa ânsia, esse querer. Em Lisboa há os tais bairros problemáticos. As pessoas não têm incentivo para trabalhar, nem para estudar. Aqui, não. Aqui há realmente um procurar. Em nascendo neste buraco, querem que as pessoas estudem, trabalhem, sejam alguém. Não sei se serão mesmo alguém, mas ao menos querem dar outro horizonte que elas não tiveram.

### **Ofício "*Trabalhei em todas as áreas*"**

Em Lisboa, trabalhei em todas as áreas. Depois de tirar o curso da Escola Náutica, embarquei. Mas a vida de embarcado é uma vida difícil. Disse:

- Não, isto não é vida para mim. Tenho que mudar!

Mas para mudar, tenho que estudar. Foi o que fiz. Embarquei nos petroleiros. Ali, ganhava-se bem, para a altura. Andei um ano embarcado e depois fiz a admissão ao Instituto Industrial:

- Bom, mas alguém tem de pagar isto!

Para tirar o curso do Instituto Industrial tive que trabalhar e estudar. Foram uns anos de um sacrifício muito grande. Estudava oito meses. Tinha de chegar ao final das aulas e ter média de 14 para dispensar dos exames todos. Esforçava-me durante aquele tempo e sempre fui dispensado dos exames. Não precisava de fazer exame final. Aproveitava aqueles quatro meses para embarcar. Como os petroleiros tinham sempre uma certa dificuldade em contratar gente no Verão - toda a gente queria ficar de férias - eu ia lá ter com um senhor e dizia:

- Cá estou!

- "Sim, senhor!"

Eu já sabia isto. Já tinha apanhado essa história. 15 dias antes de acabarem as aulas ia lá:

- "A partir de hoje, o senhor está afecto ao navio Fogo. Chega dia não-sei-quantos - aquilo era quase ao milímetro -, apresenta-se lá e embarca."

Acabei por tirar o curso de engenheiro técnico e empreguei-me numa empresa do "outro lado". Foi na altura em que apareceram as grandes centrais termoeléctricas, que precisavam de gente com experiência. Fui para o Carregado. Estive lá uns anitos. Quando tirei o curso do Técnico, já estava empregado na EDP. Eu até sou reformado pela EDP. Estive na central do Barreiro, durante oito

anos, estive no Carregado e estive em Lisboa. Entretanto, vieram ter comigo, na altura em que o Cavaco Silva era primeiro-ministro. Precisavam de uma pessoa para a formação no sector das pescas, como director-geral. Ainda fiquei indeciso. Vou, não vou:

- Bem, não sei se deva ir, se não... mas, é um desafio!

A pessoa que me veio pedir era muito minha amiga e lá aceitei. Estive lá alguns sete anos, como director-geral na área da formação para as pescas. Ao fim de sete anos, o secretário de Estado veio-se embora. Com um novo dirigente constatei que não havia projectos de futuro sustentados para o sector.

Quando achei mais oportuno, pedi a demissão, mas não me queriam deixar sair. Foi uma coisa realmente complicada. Depois, lá me deixaram. Estive ainda dois anos na Siderurgia Nacional, como administrador, e à volta de oito anos, também como administrador, na Companhia do Papel do Prado em Tomar. Depois, reformei-me e agora estou aqui. Este é o meu percurso profissional.

## **Casamento *Casado, dois filhos, seis netos***

Sou casado há uns poucos de anos. A minha mulher chama-se Berta Jacy. Eu digo que a aturo e ela diz que me atura a mim. Lá estamos. Tenho dois filhos. Um é engenheiro mecânico com especialidade de Informática. Tem dois mestrados. Tem três filhos. Tenho uma filha que é licenciada. Está num instituto de informática no Ministério das Finanças. Também tem três filhos. Tenho seis netos.

## **Costumes "*Ainda me recordo*"**

### **"Parecia uma engrenagem"**

Ainda me recordo de secarem o milho ali na eira. Malhavam-no para ele se soltar do "carço". Ainda me recordo da malha do milho e da malha do centeio. Estavam os homens de um lado e do outro. Um grupo de um lado e um grupo do outro. Até faziam isso ao desafio. Malhava este e depois malhava o outro com os manguais, que é como se chama o instrumento da malha. Um e o outro e não se batiam. Aquilo estava tão cadenciado que parecia uma engrenagem. Ainda me lembro disso.

## **"Manter as pessoas unidas através da matança do porco"**

A gente aqui, ainda há bem pouco tempo, fazia a matança tradicional no largo de Chãs d'Égua. Fazíamos o magusto de São Martinho, as festas anuais, o Natal e, na altura da Páscoa, fazíamos uma festa da matança do porco. As pessoas, os antigos, vinham todos de Lisboa. O meu primo, que era o presidente da Direcção, matava o porco. Depois, faziam-se lá as febras e aquilo tudo. Assisti a essa recriação da matança antiga. Assisti a várias.

Há um banco em madeira, uma coisa robusta. Vai-se buscar o animal, que não quer vir. Uns puxam, outros empurram. Têm que o prender ao banco com outra corda. Aquilo impressiona muito, porque o animal guincha como uma pessoa. Parece uma pessoa a ser torturada. Realmente, impressiona muito. Depois, vai-se lá com a faca. O porco está de costas, tem as patas para cima. A faca tem que ir direito ao coração sem tocar na traqueia. Aparava-se o sangue e põem para uma bacia para fazer um arroz de cabidela. Aquilo tem técnica e preceito. À noite faziam o petisco. A gordura que traz junto ao intestino mais aqueles miúdos que tiram do porco é tudo frito na altura. Juntam-se ali todos. No outro dia, na festa, come-se a carne do porco que se matou.

As pessoas daqui participavam. Era a União Progressiva, isto é, a Comissão de Melhoramentos que tentava manter as pessoas unidas através da tradição da matança do porco. Já há muitos anos, que as pessoas deixaram de ter porco. Foram envelhecendo. Aquilo dá muito trabalho e deixaram de ter porcos. Agora, já deixaram de fazer a matança. É mais fino. Mandam vir um assador, que traz o porco morto. Metem-no num espeto e estão a rodá-lo e a fatiá-lo. É fatiado e cortado.

## **"Um pavor muito grande das bruxas"**

O meu avô tinha muitas histórias, mas não me atrevo a contar, porque posso efectivamente desvirtuá-las. Também foi uma coisa que nunca memorizei, porque nunca liguei a isso. Sei que havia aqui um pavor muito grande das bruxas, do bruxedo. Estas pessoas:

- "Olha, lá anda o bruxedo!"

Via-se, às vezes, uma luz:

- "Olha, lá vai a bruxa ali!"

A gente realmente via alguém, coitado, tinha feito a viagem de noite. Via a luz acima e abaixo:

- "Olha, lá vai a bruxa!"

Eram estes medos. Acho que isso teria pouco de realidade, mas nestas terras pequenas, essa história do bruxedo às vezes cria estigmas muito grandes nalgumas famílias.

## **Descendentes dos Lusitanos**

Era normal as pessoas casarem-se dentro da própria aldeia. Pelo menos há 50 anos era assim. Era muito raro irem buscar noiva fora ou então deixar sair as de cá. É claro, também não era rígido, mas era um princípio mais ou menos assente. Na altura, quando faziam as feiras por aqui, levavam os varapaus e tudo. A feira do Mont'Alto, a feira da Vide, a feira de Arganil, a feira de Côja. Estas feiras periódicas que se faziam aqui nas terras. Eles iam lá com o seu varapauzito e quando andavam à volta das moças, aquilo, às vezes... Não sabiam resolver o problema doutra maneira que não fosse à pancada. De vez em quando, havia zaragatas e zangas por causa das moças, exactamente porque o da terra de não-sei-quantos andava atrás da moça da terra de não-sei-quê. Não quer dizer que não houvesse para aí umas coisas e tal, mas também não constavam. Eram do domínio público, mas não era do mexerico público.

Em terras pequenas, existe uma disputa muito grande, quer entre famílias, quer dentro da própria família. Os Lusitanos eram assim. A gente, como não tem ninguém para guerrear, guerreamos uns com os outros. Isto é histórico. Não estou aqui a inventar nada. Isto aqui também consegue corporizar um pouco essa ideia. Guerreamos com os de fora. Quando não há para guerrear por fora, guerreamos uns com os outros. O que é preciso é manter este espírito de disputa.

## **Religião "*Deus cai aqui*"**

A Igreja, a religião, sempre teve um poder muito grande aqui. Penso que em toda a Beira Interior. As autoridades aqui eram o barbeiro, o professor, o regedor e... o padre. O padre aqui sempre teve uma autoridade muito grande. Sempre foi uma pessoa muito respeitada. As pessoas são de uma religiosidade, que é uma coisa fora do comum. Só encontrei assim pessoas com esta religiosidade nas comunidades piscatórias. Como costumam dizer, entre o barco e o céu, há Deus. A eles é a única coisa que lhes vale. Aqui, é quase a mesma coisa. Temos a terra, tudo verde, e temos o céu. Por conseguinte, Deus cai aqui. Penso que será um pouco esta mística que eles aqui têm.

Quando eu era criança, a missa tinha muita afluência. Estava sempre cheia. Esta capela já teve dois ou três aumentos. Para as mordomias e o tesoureiro da

capela, antigamente, havia guerras. Toda a gente queria ser. Hoje, a gente para arranjar um mordomo tem que apertar bem. Tem que os convencer bem. Mas lá se vão arranjando.

A procissão e os andores vão até à Malhada, a uma capela, com os andores. Depois, vêm para cá, entram na povoação. Dão uma volta à povoação e vêm outra vez para aqui. Eu até fui um dos grandes "renascedores" da visita pascal, que estava mais ou menos em desuso. Eu lá agarrei novamente nisso. Às vezes, são entusiasmos de momento, mas já há 12 ou 14 anos que faço a visita pascal. A gente tem a Cruz, tem a água benta e tem a oração. É na altura em que se vai recolher o folar, que é aquilo que cada uma das famílias dá para sustento do padre. Antigamente, era dada em géneros. Hoje, não, é dado um envelope. Conosco, vai a parte religiosa. Vai a caldeirinha, vai a Cruz, vão as lanternas e vai o leitor, que é o presidente da cerimónia e faz a leitura. A família acompanha. Depois, o tesoureiro tira o envelope, mas põe um postal alusivo, um santinho alusivo à cerimónia. Não é só tirar. É dar também qualquer coisa. Para tentar melhorar isto. Toda a gente aceita. Na altura da Páscoa, nessa cerimónia, chegam a estar abertas mais de 60 casas. Deve ser aqui na freguesia aquela com mais casas abertas. Mais do que o próprio Piódão.

Os meus familiares nunca me impuseram rigorosamente nada. Não sou daquela religiosidade extrema, mas respeito, acredito e vou à missa quando posso. Sou o tesoureiro aqui da capela já há 12 anos. Ando, também, a ver se arranjo alguém que me substitua. Fui eu que me empenhei no aumento da sacristia e fiz peditórios. Sei lá o que fiz para aí, para fazermos esse edifício da nova sacristia. Ainda agora vim por Fátima trazer uma quantidade de coisas aqui para a capela. Não participo mais porque não tenho tempo. Acho que, dentro disto tudo, a família é muito importante. Uma pessoa não consegue ter tempo nem capacidade para se dedicar a muita coisa em simultâneo, tem que fazer um pouco de cada.

## **Lugar "*Enamorei-me disto*"**

Esta zona era fértil para pastagens. Aqui, antigamente, no tempo dos romanos, havia cavalos à solta. Alguém - acho que na Figueira da Foz - tinha isto de arrendamento e tinha cá pessoas a tratar dos animais. Esses animais eram utilizados no circo romano. Ora, se isto é verdade se é lenda, sinceramente não tenho elementos, nem tenho pretensões em arranjá-los, que confirmem esta versão. Mas era a história que eu ouvia contar. A origem destas povoações, sinceramente, nunca consegui descobrir. O meu pai e os meus avós diziam que as pessoas que vieram aqui habitar eram degredadas políticas do regime

monárquico. Eram contra a monarquia e tinham fugido para cá. Quem conhece muito bem a história daqui é o padre António. Uma vez, abordei esse assunto com ele e a versão dele é bem mais recente.

### **"A Natureza a funcionar"**

Havia cultura de centeio e de milho. O centeio era cultivado na serra após as queimadas. Lembro-me também de as fazerem. A população combinava. Havia zonas próprias, onde nasciam as giestas. Chegando a altura, cortavam as giestas, deixavam a secar e lançavam-lhe o fogo. Aquela cinza era o adubo das terras onde semeavam o centeio. É uma cultura que se dá muito bem na serra e com o frio. O milho era aí pelas leiras. Milho de regadio. Lembro-me de regarem. Eu não vinha cá na altura da plantação, mas vinha na rega. Andavam a regar e a colher o milho, a fazer a "descamisada", a malhá-lo, pô-lo na eira a secar e depois metê-lo nas arcas. O meu avô tinha um moinho. Acho que eles chamavam o moinho do ribeiro de cima. Trabalhava com água e moía o pão. Devia ser a única ou das poucas famílias que tinha um moinho próprio. Recordo-me de ir com ele. Levava lá o "sarrão", aquela saca em pele de porco, com o milho e o centeio para moer e trazia depois moído.

Lembro-me de eles irem ao mato, também. As entradas das casas tinham sobretudo fetos. Cortavam os fetos e metiam nas entradas. As pessoas, a passar ali, acabavam por os calcar para fazerem estrume que servia para adubar as terras. Naquela altura não havia adubos. Mais tarde, apareceram. Era um problema de reciclagem. Aquilo de que hoje se fala tanto, na altura já era feito. Eu recordo-me que até as próprias fezes eram apanhadas e iam para as terras para voltar a reciclar. Era a Natureza a funcionar.

### **"Chãs d'Égua e as suas quintas"**

As quintas são o que eles chamam a pequenos aglomerados de casas. As quintas são os Barreiros, a Foz dos Barreiros, lá em baixo a Foz d'Égua - que já não pertence aqui, pertence ao Piódão -, os Moinhos, os Pés Escaldados. Isso é que são as quintas pertencentes aqui. É Chãs d'Égua e as quintas. São aglomerados. A Eira da Bouça, aquele povoado pequeninito, é uma quinta de Chãs d'Égua. Lá em baixo, também há três ou quatro casas, são os Barreiros. É outra quinta. Lá para trás, é a Covita. É uma quinta. Do outro lado, há os Moinhos. É outra quinta. Mais acima, os Pés Escaldados. Outra quinta. Chamam-lhe quintas. É um termo que usam. Eu nem tento identificá-lo. Costuma-se dizer: "Chãs d'Égua e os povos agregados, ou Chãs d'Égua e as suas quintas".

## "União Progressiva de Chãs d'Égua"

Estas povoações não tinham estrada, não tinham água canalizada, não tinham esgotos, não tinham telefone, não tinham luz... Nada disso. Através da Comissão de Melhoramentos, quer pelas quotas, quer pelo poder que tinham, quer pela pressão que faziam junto das entidades oficiais, o telefone veio para cá. Antigamente, uma povoação destas ter um telefone era um luxo. Ter aqui luz eléctrica? Ui, isso era outro luxo! Ter água canalizada? Nem pensar nisso! Estas coisas todas foram conseguidas através da Comissão de Melhoramentos e da pressão que ela fazia sobre as entidades oficiais. A Comissão até era muito bem aceite. Havia um grupo de Lisboa e havia o grupo daqui. Era a direcção local e a direcção dos que emigraram. Havia uma união e as pessoas aqui eram muito bairristas. Sempre foram.

Eu quase assisti à fundação da União Progressiva de Chãs d'Égua. Foi fundada há mais de 50 anos. Nos anos 40. Mais ou menos no final da guerra de 1939-1945. 1948, princípios de 1950. Eu era miúdo. Se tivesse 7 anos, tinha muito. O meu pai era sócio fundador. As assembleias eram feitas nas escadinhas de das Janelas Verdes. Quando acabava a Rua do Olival, havia umas escadinhas que davam para a Rua das Janelas Verdes. Era nessas escadinhas que as pessoas se reuniam. Não havia sala, não havia nada. Reuniam-se a medo. Um tinha que estar em baixo, no princípio das escadinhas, outro, cá em cima, a avisar se vinha um chui:

- "Vê lá bem! Vê lá se vem a polícia!"

Estavam ali a avisar:

- "Ui! Que vêm aí!"

Então, aquela gente parecia formigas a fugir.

Surgiu, porque, nesta altura, as terras não tinham estas acessibilidades. Não tinham telefones, luzes, água, médico... Não tinham nada. Nasceu, pela necessidade de se pôr aqui o telefone, a luz, de vir cá o carteiro, o médico, que não vinham. Mas uma pessoa só não conseguia. Tinha que ser um conjunto de pessoas. Então esta gente formou um movimento associativo para se fazer pressão junto das entidades, quer locais, quer regionais, quer da Administração colocada em Lisboa. Só com estes núcleos se conseguia pressionar o poder. Por outro lado, essas entidades também precisavam de, localmente, ter alguém quando houvesse algo. O Almirante Américo Tomás, Presidente da República, chegou a estar lá em cima uma vez e foi recebido por uma delegação da Comissão de Melhoramentos.

Hoje, quase todas as casas têm aquecimento. Têm todos os confortos. Isto, em dez anos, deu um grande salto de criar condições. As pessoas vêem uma pessoa melhorar e também querem, o que é positivo. Querem tentar fazer melhor.

### **"Uma diferença substancial"**

Actualmente, há aqui uma diferença substancial. Em relação ao enquadramento geral, não. Temos as serras, as montanhas, os pinheiros, o mato. Relativamente à parte cultivada, há uma diferença substancial. A gente, hoje, olha para aqui e só vê as leiras, os degraus, com silvas, com mato. Na altura, aquilo era uma loucura. Não havia uma única leira que não tivesse tratada. Andava aí tudo para apanhar as uvas para fazer o vinho. Toda a terra era trabalhada, arroteada. Agora, está praticamente tudo ao abandono. As pessoas continuam a ter cá as suas coisas, mas já não tratam dela, porque para tratar é preciso andar sempre sobre a terra.

### **"Carregar baterias"**

Gostava e ainda gosto de vir aqui. Gosto de estar aqui. Mesmo estando cá pouca gente, gosto disto. Mas tive, pela minha vida profissional, necessidade de fazer carreira, de estudar e de trabalhar e estive 12 anos desligado aqui da terra.

### **"Vou para o Céu!"**

*Eu trabalhei dois anos na Siderurgia. Foram dois anos difíceis. Coisas realmente complicadas. A primeira vez que se conseguiu que uma greve não tivesse adesão foi na minha Administração. Não digo que foi boicotada, porque de um lado estava quem queria fazer greve e do outro lado quem não queria. Mas aquilo era realmente difícil. Eu era a primeira pessoa a entrar lá. Mesmo antes do turno da manhã entrar, já eu lá estava. E era o último a sair: 11 horas, meia-noite, uma da manhã. Foram dois anos terríveis. Mas, a sexta-feira era o dia em que eu era o primeiro a sair. Por volta das quatro e meia, mais coisa menos coisa. Vinha logo o director:*

- "Então, senhor engenheiro? Vai-se já embora? Onde é que vai?"
- Eh! Não diga nada! Eu vou para o Céu!
- "Para o Céu?"
- Sim, sim!
- "Então, mas como é que é isso do Céu?"

*- Eu explico-lhe: é uma coisa assim verde, verde, verde. De repente, acaba o verde e começa o azul. É o Céu. E eu estou aí nesse sítio.  
Era aqui.*

Isto permite a quem tem uma actividade que exija muito, aquilo que vulgarmente chamam "carregar baterias". Aqui, as coisas giram pouco. A gente em Lisboa tem que andar a correr: é para o eléctrico, é para o carro, é para o padeiro... Sempre, sempre a correr. Aqui, não. Não vale a pena preocupar-se com isso, porque não há nada disso. Mas isto é de tal maneira assim, que eu trago dois, três jornais, ponho-os em cima da mesa, vou-me embora e não abro um jornal. Enquanto lá, todos os dias uma pessoa devora os noticiários, aqui não devora rigorosamente nada. Isto tem um peso muito grande sobre o bem-estar, sobre o sossego interior da pessoa. O que me atrai aqui, é isso, é o sossego. Sobretudo, é o sossego. O senhor padre António costuma falar comigo. Conta assim muitas histórias. Para um homem aqui da serra, que nasceu aqui, viveu aqui e trabalha aqui, é um homem com um saber muito grande. E dizia-me ele:

- "Ó, senhor engenheiro! Você vem aqui para a serra, há-de viver muito mais do que essa gente toda. Porque você aqui tem sossego."

E é verdade. Uma pessoa aqui sente o peso do descanso. As coisas aqui andam ao ritmo da Natureza. O sol ainda não nasceu, já a gente está a querer acordar. O sol está-se a pôr, a gente quer ir para a cama. Só é pena estar tão longe de Lisboa. Mas ainda bem que é assim. Mantém-se esta pureza do ambiente. É o estar com a Natureza. É o estar em paz connosco. Acabaram-se os problemas? Não. Com certeza. Ainda tenho os mesmos problemas. Agora, uma coisa garanto: eles estão lá em Lisboa e eu estou aqui!

De há 12 anos a esta parte, comecei a vir a Chãs d'Égua com frequência. Enamorei-me outra vez disto, porque trazia de memória aqueles tempos que passei aqui quando era criança. Para mim, era um reviver. Acabei por fazer cá casa e, agora, todos os meses venho aqui. Três dos meus netos - tenho seis - também são perdidos por isto. Os outros ainda são pequenitos, ainda não têm bem noção. Aqueles não passam ano nenhum que não andem de volta de mim. O outro pequeninito também queria ir para a "casa do sino". "Casa do sino", porque a primeira coisa que eles vêm quando chegam aqui é a capela e o sino:

- "Foste para a "casa do sino" e não me levaste..."

Revejo-me nos meus netos. Vêm para aqui, se eu não lhes mando fazer nada, ficam um bocadinho tristes. Lá em Lisboa, passam o tempo todo agarrado ao computador, aos jogos, a essa treta. Aqui, não. Também têm que trazer a sua Playstation, mas gostam de ir ver e de ir passear. Tenho aí um primo, que

está emigrado no Luxemburgo, e que gosta muito de os levar. Ele vai recriar a meninice dele e leva os primos a acompanhar naquilo que ele vai reviver. E as crianças gostam. Elas são mesmo assim.

Isto tem uma atracção sobre as pessoas. Sobretudo sobre os citadinos. É preciso ver que o próprio Eça de Queiroz escreveu "A Cidade e as Serras" e não "A Cidade e o Campo". Ele quis fazer o contraste entre a vida da cidade e a da serra e não a do campo em si, porque a serra tem uma atracção própria. Eu, com o carro, chego aqui, saio, fico um quarto de hora, 20 minutos a olhar para isto. Depois é que me meto no carro e é que me vou embora. Isto impressiona. Tem pressão sobre as pessoas.

### ***Avaliação "Para a memória futura"***

É evidente que acho importante para a memória futura que algo fique escrito. O cuidado de escrever para a posteridade aquilo que se passou, que se consiga retratar o passado e por pessoas que nem tenham nada a ver com esse passado ou com esse presente e que seja publicitado é muito importante. É de uma importância extraordinária que daqui a séculos, se isto chegar lá, haja alguém que tenha deixado escrito, enfim, uma certa maneira de as pessoas quererem dar opiniões próprias ou pessoais. Espero que tenha sobretudo retratado a experiência que recolhi. É claro, sou eu que estou a recolher e sou eu a transmitir, conforme me afectou a mim ou não, mas todos os relatos têm esse problema. Eu não tento puxar nada rigorosamente para mim. Gostaria que aquilo que eu disse contribuísse para o trabalho. Espero que seja uma coisa que os meus bisnetos, os meus tetranetos possam ver e possam ler. É o que eu acho. Só tenho de dar os parabéns, sobretudo pela paciência em ouvir a mim e se calhar ouvir outros... Isto é que eu penso do projecto.